



Carta de

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
Secretaria do Planejamento e Gestão
FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA
Siegfried Emanuel Heuser

Conjuntura FEE

ANO 18 Nº 01
Janeiro de 2009

Desempenho do mercado de trabalho na RMPA, em 2008

O período jan.-nov./08 foi bastante favorável para o mercado de trabalho na Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA), quando comparado com o mesmo período dos dois anos anteriores, segundo os dados levantados pela Pesquisa de Emprego e Desemprego na RMPA (PED-RMPA). A expansão da atividade econômica contribuiu para a melhora dos seus principais indicadores: o nível ocupacional apresentou importante elevação, a taxa de desemprego total reduziu-se, atingindo o seu menor nível desde o ano de 1995, e o rendimento médio real dos ocupados registrou comportamento positivo.

O desemprego só não se reduziu mais em virtude de uma forte entrada de pessoas no mercado de trabalho. Assim, a taxa de participação, indicador que expressa a proporção da População em Idade Ativa que se encontra inserida no mercado de trabalho, na condição de ocupada ou desempregada, aumentou de 56,8% em 2007 para 58,8% em 2008, atingindo o maior patamar desde 2002.

A taxa de desemprego total média alcançou 11,3% da População Economicamente Ativa nesse período de 2008, apresentando queda em relação aos 13,0% registrados no mesmo período de 2007 e aos 14,5% de 2006. O número médio de desempregados reduziu-se em 21 mil indivíduos, comparando-se os 11 meses de 2008 com os de 2007. Destaque-se que a taxa de desemprego atingiu o seu menor patamar nos meses de agosto, outubro e novembro deste ano, se comparada com a de idênticos meses dos anos anteriores da Pesquisa.

O estoque de ocupados na Região Metropolitana de Porto Alegre, em 2008, apresentou crescimento pelo sexto ano consecutivo. Houve significativo aumento de 7,5% no total de ocupados, tendo

sido geradas 123 mil novas ocupações, número bastante superior ao registrado no ano de 2007 (59 mil indivíduos) e o mais expressivo desde o início da Pesquisa.

Em todos os setores de atividade econômica, houve aumento do número de ocupados. Em termos relativos, os incrementos registrados foram os seguintes: serviços, 10,2%; comércio, 6,1%; indústria de transformação, 4,1%; e o grupo outros — que inclui construção civil, serviços domésticos, etc. —, 2,0%. Em números absolutos, o destaque coube ao setor de serviços, no qual foram gerados 88 mil novos postos de trabalho.

Considerando a forma de inserção no mercado de trabalho, observa-se que o aumento do nível de ocupação ocorreu em função do crescimento do número de trabalhadores assalariados (81 mil), principalmente no setor privado (66 mil). Neste último grupo, o incremento mais expressivo foi verificado entre os empregados com carteira de trabalho assinada (57 mil).

Os rendimentos médios reais do trabalho, no período jan.-out./08, elevaram-se em 2,2% para os ocupados e em 1,0% para os assalariados, na comparação com o mesmo período de 2007.

Apesar da crise financeira internacional, o mercado de trabalho da RMPA ainda não sentiu seus efeitos ao ponto de ocorrer redução no número de ocupados e aumento da taxa de desemprego nos últimos meses do ano. Mesmo que os resultados da Pesquisa do mês de dezembro sejam negativos, dificilmente irão alterar o bom desempenho do mercado de trabalho em 2008. Contudo este deverá sentir os efeitos da crise financeira a partir do primeiro trimestre de 2009. A diminuição do ritmo de criação de vagas deve ser um dos primeiros reflexos, especialmente nos segmentos exportadores e no comércio.

Estimativas médias dos principais indicadores do mercado de trabalho na RMPA — jan.-nov.2006/08

INDICADORES	ESTIMATIVAS (1 000 pessoas)			VARIACIONES	
	Jan.-Nov./06	Jan.-Nov./07	Jan.-Nov./08	Jan.-Nov./08 Jan.-Nov./07 (1 000 pessoas)	Jan.-Nov./08 Jan.-Nov./07 (%)
POPULAÇÃO ECONOMICAMENTE ATIVA	1 855	1 891	1 993	102	5,4
Ocupados	1 586	1 645	1 768	123	7,5
Ocupados por setor de atividade					
Indústria	300	303	317	14	4,6
Comércio	279	278	295	17	6,1
Serviços	815	861	949	88	10,2
Outros (1)	192	203	207	4	2,0
Ocupados por posição na ocupação					
Assalariados do setor público	190	202	217	15	7,4
Assalariados do setor privado	886	915	981	66	7,2
Autônomos	263	270	286	16	5,9
Empregados domésticos	106	110	109	-1	-0,9
Outros (2)	141	148	175	27	18,2
Desempregados	269	246	225	-21	-8,5
Taxa de desemprego (%)	14,5	13	11,3	-	-13,1
Taxa de participação (%)	56,8	56,8	58,8	-	3,5

FONTE: PED-RMPA - Convênio FEE, FGTAS/SINE-RS, SEADE-SP, DIEESE e apoio PMPA.

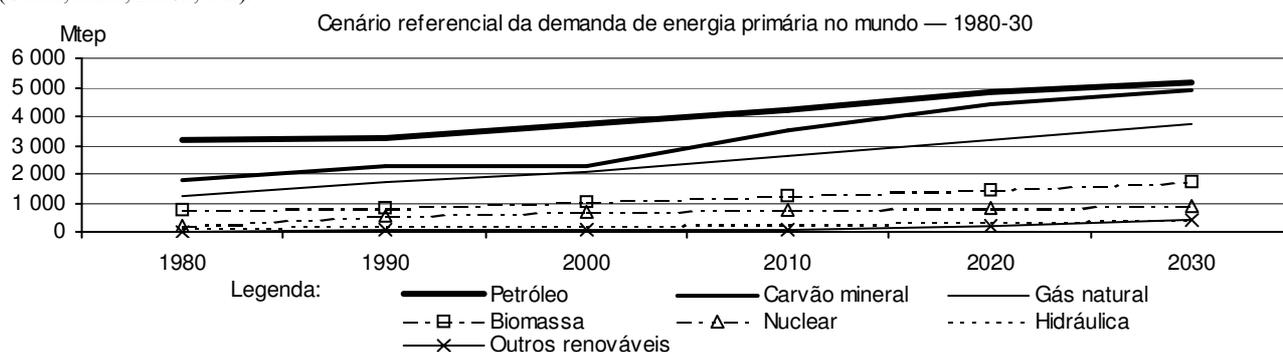
(1) Incluem construção civil, serviços domésticos e outros. (2) Incluem empregadores, donos de negócio familiar, trabalhadores familiares sem remuneração, profissionais universitários autônomos e outras posições ocupacionais.

André Luiz Leite Chaves (FEE/CPED)

As perigosas alterações climáticas

O último relatório de 2008 da Agência Internacional de Energia alerta-nos: a “[...] redução de emissões de gases de efeito estufa, necessária para evitar as mudanças climáticas perigosas, pode não ser tecnicamente viável.” Isso significa que o limite da concentração de CO₂ e (gás carbônico equivalente) na atmosfera em 450ppm (partes por milhão), aconselhável para circunscrever o acréscimo de temperatura da terra em torno de 2°C até o ano de 2050, não será possível, devido ao constante aumento do uso dos energéticos não renováveis (carvão mineral, petróleo e gás natural). Tais energéticos são indispensáveis para manter o modo de vida da atual sociedade de consumo, bem como para garantir o desenvolvimento dos países emergentes (China, Índia, Brasil, etc.).

Esses fatos projetam para o futuro um aumento das concentrações de CO₂ e a níveis superiores a 550ppm, com a provável elevação da temperatura da terra para entre 3°C e (aos perigosos) 6°C. Nessa temperatura, o equilíbrio climático poderá romper-se, acarretando conseqüências desastrosas para a vida. Assim, os pífios avanços nas decisões das conferências sobre o clima e nos resultados dos discursos das autoridades dos países — propalados de forma pouco compromissada com a vida na terra — têm contribuído para agigantar a hercúlea tarefa de inverter a crescente concentração de gases de efeito estufa, para evitar as mudanças climáticas perigosas, que apontam dias difíceis nos meados deste século.



FONTE: World Energy Outlook.

NOTA: 1. Mtep significa milhões de toneladas equivalentes de petróleo.

2. A expansão de energia no mundo será de 45% entre esta data e 2030 — com um incremento de 1,6% ao ano —, com o carvão mineral sendo responsável por mais de um terço do crescimento total.

José Enoir Loss (FEE/CEES)

O desempenho das principais economias do RS em 2006

Não houve mudança relativa de posições no *ranking* do PIB das cinco principais economias municipais do RS, em 2006. Como pode ser analisado na tabela, ocorreu uma leve queda de participação desses municípios no PIB do RS, no ano de 2006, relativamente a 2005. Porto Alegre, a principal economia municipal do RS, registrou um PIB de R\$ 30,116 bilhões em 2006. A variação nominal do PIB da capital gaúcha foi de 7,0% em 2006, relativamente a 2005, inferior, portanto, ao crescimento nominal médio de 8,8% obtido pelo RS.

Canoas manteve o segundo posto no *ranking* do PIB municipal, com um valor nominal referente a esse agregado de R\$ 9,607 bilhões. Houve uma variação nominal positiva de 8,3% no PIB do Município, em 2006, relativamente a 2005.

Ocupando a terceira colocação do *ranking*, o valor do PIB de Caxias do Sul foi de R\$ 8,621 bilhões, com uma variação nominal positiva de 3,9% comparativamente a 2005.

O Município de Triunfo apresentou o quarto maior PIB municipal do RS, com um valor estimado em R\$ 4,564 bilhões, o qual foi 7,0% inferior ao valor registrado de R\$ 4,909 bilhões no ano anterior.

Na quinta colocação do *ranking*, Novo Hamburgo registrou um valor de R\$ 3,897 bilhões em 2006, o qual foi 1,52% maior, em termos nominais, ao valor registrado em 2005.

Desempenho das cinco principais economias municipais do RS — 2006

MUNICÍPIOS	Valor (R\$ 1 000)	Variação Nominal (%)	PRODUTO INTERNO BRUTO		Posição no <i>Ranking</i> em 2005
			Participação % 2006	2005	
Porto Alegre	30 116 002	7,0	19,20	19,51	1ª
Canoas	9 607 235	8,3	6,12	6,15	2ª
Caxias do Sul	8 621 444	3,9	5,50	5,75	3ª
Triunfo	4 564 996	-7,0	2,91	3,40	4ª
Novo Hamburgo	3 897 297	1,5	2,48	2,66	5ª
Total	56 806 973	-	36,21	37,47	-
Rio Grande do Sul	156 882 623	8,8	100,00	100,00	-

FONTE: FEE/Centro de Informações Estatísticas/Núcleo de Contabilidade Social.

Lívio Luiz Soares de Oliveira (FEE/CIE)

ECONOMIA BRASILEIRA

Variáveis macroeconômicas selecionadas — dez./96-nov./08

MESES E ANOS	TAXAS ANUAIS DE CRESCI- MENTO DO PIB (1) (IBGE)	TAXA DE INVESTIMENTO (2) (% do PIB) (IPEA)	TAXA MÉDIA DE DESEMPREGO ABERTO (3) (% da PEA) (IBGE)	TAXAS ANUAIS DE VARIAÇÃO DO ÍNDICE DE PREÇOS (4) (IPCA/IBGE)	TAXAS BÁSICAS DE JUROS AO ANO (%) (Bacen)	TAXA EFETIVA DE CÂMBIO (5) (Funcex)		SALÁRIOS REAIS NA INDÚSTRIA (IBGE)		BASE MONETÁRIA (saldo em R\$ milhões correntes) (Bacen)
						Índice (base fixa: dez./03 = 100)	Taxa de Variação (4)	Índice (base jan./01 = 100)	Taxa de Variação (7)	
Dez./96	2,1	21,0	-	10,1	23,00	-	-	127,2	0,2	20 106
Dez./97	3,4	22,2	-	5,2	38,00	-	-	132,8	0,8	32 283
Dez./98	0,0	21,2	-	1,7	29,00	-	-	131,3	-0,5	39 285
Dez./99	0,3	19,6	-	8,9	19,00	-	-	125,4	0,1	45 407
Dez./00	4,3	20,3	-	6,0	16,50	-	-	128,3	0,2	46 304
Dez./01	1,3	19,2	10,6	7,7	19,00	-	-	130,7	25,7	52 846
Dez./02	2,7	-	10,5	12,5	22,00	-	-	122,4	20,3	69 901
Dez./03	1,1	-	10,9	9,3	17,50	-	-	126,4	21,9	70 802
Dez./04	5,7	-	9,6	7,6	17,25	88,9	-	134,4	24,8	87 344
Dez./05	2,9	-	8,3	5,7	18,50	75,7	-14,8	135,5	21,3	98 306
Dez./06	3,8	-	8,4	3,1	13,25	73,8	-2,5	135,1	19,7	118 304
Jan./07	-	-	9,3	3,0	13,25	72,8	-4,1	107,3	-20,6	116 328
Fev./07	-	-	9,9	3,0	13,00	71,8	-0,6	105,7	-1,5	111 951
Mar./07	3,9	-	10,1	3,0	13,00	72,2	-1,0	102,4	-3,1	109 023
Abr./07	-	-	10,1	3,0	12,75	72,9	-0,7	102,7	0,4	110 694
Mai/07	-	-	10,1	3,2	12,50	71,8	-3,0	103,8	1,1	111 301
Jun./07	4,8	-	9,7	3,7	12,50	70,0	-10,7	103,3	-0,5	113 195
Jul./07	-	-	9,5	3,7	12,00	69,0	-11,9	105,1	1,7	116 458
Ago./07	-	-	9,5	4,2	11,50	70,8	-6,1	103,5	-1,5	117 425
Set./07	5,3	-	9,0	4,2	11,50	68,1	-9,1	102,7	-0,8	123 181
Out./07	-	-	8,7	4,1	11,25	64,9	-10,7	105,7	3,0	124 345
Nov./07	-	-	8,2	4,2	11,25	64,5	-12,0	115,8	9,5	127 393
Dez./07	5,7	-	7,4	4,5	11,25	63,8	-13,6	140,1	21,0	143 642
Jan./08	-	-	8,0	4,6	11,25	63,9	-12,2	110,7	-21,0	141 858
Fev./08	-	-	8,7	4,6	11,25	62,7	-12,7	106,7	-3,6	132 524
Mar./08	5,9	-	8,6	4,7	11,25	63,5	-12,0	108,2	1,4	130 811
Abr./08	-	-	8,5	5,0	11,25	63,1	-13,4	106,2	-1,9	131 320
Mai/08	-	-	7,9	5,6	11,75	61,3	-14,6	108,8	2,4	132 658
Jun./08	6,0	-	7,8	6,1	12,25	59,6	-14,9	107,3	-1,4	131 067
Jul./08	-	-	8,1	6,4	13,00	58,9	-14,6	109,7	2,3	134 669
Ago./08	-	-	7,6	6,2	13,75	58,6	-17,2	107,5	-1,9	133 935
Set./08	6,3	-	7,6	6,3	13,75	63,8	-6,3	108,4	0,8	137 544
Out./08	-	-	7,5	6,4	13,75	-	-	109,4	0,9	139 816
Nov./08	-	-	-	6,4	13,75	-	-	-	-	-

(continua)

MESES E ANOS	NECESSIDADES PRIMÁRIAS DE FINANCIAMENTO DO SETOR PÚBLICO (6) (% do PIB) (Bacen)	DÍVIDA LÍQUIDA TOTAL DO SETOR PÚBLICO (% do PIB) (Bacen)	INDÚSTRIA				SETOR EXTERNO						
			Índice da Produção Física (base 2002 = 100) (IBGE)	Taxas de Crescimento (IBGE)		Utilização da Capacidade Instalada (%) (IBRE)	Taxas de Crescimento (Secex)		% do PIB (Bacen)			Reservas Externas (conceito de liquidez internacional) (US\$ milhões) (Bacen)	Dívida Externa Total (US\$ milhões correntes)
				Produção física (1)	Produtividade física da indústria (7)		Exporta- ções (1)	Importa- ções (1)	Transações correntes (6)	Investi- mentos diretos (6)	Transações correntes não cobertas por investimentos diretos (6)		
Dez./96	0,09	33,3	83,87	1,7	-	(8)82	2,7	6,7	-2,98	1,28	1,70	60 110	...
Dez./97	0,98	34,5	81,16	3,9	-	(8)84	11,0	15,1	-4,16	2,13	2,03	52 173	199 998
Dez./98	-0,01	42,6	79,26	-2,0	-	(8)82	-3,5	-6,2	-4,24	3,66	0,58	44 556	241 777
Dez./99	-3,13	49,7	86,06	-0,7	-	(8)81	-6,1	-14,9	-4,32	4,87	-0,55	36 342	241 468
Dez./00	-3,56	48,8	92,66	6,6	-	-	14,7	13,8	-3,76	5,08	-1,33	33 011	236 156
Dez./01	-3,67	52,6	86,69	1,6	-10,7	-	5,7	0,1	-4,19	4,06	0,14	35 866	226 067
Dez./02	-3,96	55,5	93,75	2,7	-9,9	-	3,7	-15,4	-1,51	3,29	-1,78	37 823	227 689
Dez./03	-4,37	57,2	98,23	0,4	-6,9	-	21,1	2,3	0,75	1,83	-2,59	49 296	235 414
Dez./04	-4,59	51,7	106,41	8,3	-6,6	-	32,0	30,0	1,76	2,73	-4,49	52 935	220 182
Dez./05	-4,83	46,5	109,34	3,1	-5,1	(9)83,7	22,6	17,2	1,58	1,71	-3,29	53 799	187 987
Dez./06	-3,88	44,7	109,65	2,8	-8,1	(9)84,4	16,2	24,1	1,27	1,76	-3,03	85 839	199 372
Jan./07	-4,29	44,6	109,22	2,9	0,8	(9)82,4	15,8	24,9	1,23	1,78	-3,01	91 086	192 510
Fev./07	-4,35	44,7	104,07	2,8	-3,3	(9)83,9	16,0	24,9	1,18	1,80	-2,99	101 070	203 143
Mar./07	-4,05	44,8	121,21	2,6	13,1	(9)83,1	15,3	24,5	1,07	1,87	-2,94	109 531	215 543
Abr./07	-4,18	44,2	113,58	3,3	-6,7	(9)84,5	16,9	24,2	1,19	2,07	-3,26	121 830	217 256
Mai./07	-4,27	44,7	125,48	3,3	8,1	(9)84,4	19,2	25,9	1,13	1,94	-3,07	136 419	219 285
Jun./07	-4,27	44,1	121,61	3,9	-2,1	(9)84,7	19,3	26,5	1,10	2,68	-3,78	147 101	230 296
Jul./07	-4,33	44,0	125,50	4,2	2,1	(9)85,2	17,5	26,9	0,77	2,80	-3,58	155 910	235 030
Ago./07	-4,10	43,0	132,52	4,5	4,9	(9)85,7	16,6	27,6	0,70	2,81	-3,51	161 097	235 557
Set./07	-4,02	43,2	124,19	4,8	-6,4	(9)86,1	16,0	27,9	0,55	2,75	-3,30	162 962	237 632
Out./07	-4,19	43,2	136,83	5,3	8,0	(9)87,0	15,9	28,4	0,41	2,81	-3,22	167 867	238 262
Nov./07	-4,21	42,4	130,47	5,5	-4,0	(9)87,2	16,6	29,3	0,20	2,75	-2,95	177 060	242 098
Dez./07	-3,97	42,7	116,58	6,0	-8,3	(9)86,7	16,8	32,1	0,13	2,59	-2,72	180 334	240 495
Jan./08	-4,14	41,9	118,75	6,4	3,1	(9)84,3	17,0	33,4	-0,14	2,73	-2,58	187 507	244 829
Fev./08	-4,18	42,0	114,18	6,8	-3,8	(9)84,7	17,8	36,5	-0,31	2,65	-2,34	192 902	247 998
Mar./08	-4,47	41,2	123,04	6,6	5,9	(9)85,2	16,3	36,0	-0,63	2,64	-2,00	195 232	253 483
Abr./08	-4,25	40,9	124,96	7,0	1,4	(9)85,1	15,3	37,9	-0,97	2,62	-1,65	195 767	254 307
Mai./08	-4,35	40,6	128,53	6,7	1,5	(9)85,6	16,5	39,9	-1,01	2,64	-1,63	197 906	259 109
Jun./08	-4,29	40,5	129,51	6,7	0,8	(9)86,3	18,9	43,7	-1,22	2,08	-0,86	200 827	262 429
Jul./08	-4,39	40,7	136,50	6,9	4,1	(9)86,1	22,6	45,9	-1,30	2,02	-0,72	203 562	266 862
Ago./08	-4,42	40,5	135,10	6,4	-1,0	(9)86,6	24,5	48,1	-1,45	2,17	-0,72	205 116	271 079
Set./08	-4,60	38,2	136,17	6,8	0,3	(9)86,3	27,0	50,6	-1,64	2,45	-0,80	207 494	272 966
Out./08	-4,53	36,6	137,88	5,9	0,3	(9)86,3	26,3	50,2	-1,71	2,46	-0,75	203 179	278 919
Nov./08	-	-	-	-	-	(9)85,2	25,0	46,9	-1,67	2,41	-0,74	206 377	271 428

FONTE: IPEA. IBGE. Bacen. DIEESE. FGV. IBRE. Macrométrica.

(1) Variação percentual do fluxo dos últimos 12 meses em relação aos 12 meses anteriores. (2) Taxa de investimento no trimestre (preços de 1990). Taxa obtida a partir da relação entre as séries de índices reais (base fixa, dessazonalizado) da formação bruta de capital fixo e do PIB. (3) Pessoas que procuraram trabalho de maneira efetiva nos últimos 30 dias anteriores ao da entrevista e não exerceram nenhum trabalho. (4) Variação percentual em relação ao mesmo mês do ano anterior. (5) R\$/cesta de 13 moedas: Zona do Euro, EUA, Japão, Argentina, China, Coreia do Sul, Rússia, Canadá, Uruguai, Paraguai, Chile, México e Reino Unido. (6) Valor dos últimos 12 meses. (7) Variação percentual em relação ao mês anterior. (8) Média do ano. (9) Dado mensal.

Carta de Conjuntura - Ano 18 nº 01

ECONOMIA DO RS

Variáveis selecionadas — jul./06-dez./08

MESES E ANOS	PIB (1)	PRODUÇÃO FÍSICA NA INDÚSTRIA			ICMS (R\$ milhões)				ÍNDICES DE PREÇOS	
		Base Fixa (4)	Mês (5)	Acumulado no Ano (6)	Industrial	Comércio Atacadista	Comércio Varejista	Total	IEPE (7)	CUB (R\$)
Jul./06	-	103,15	97,55	96,35	427,9	246,5	110,0	914,3	176,73	898,39
Ago./06	-	106,16	97,47	96,50	359,4	279,8	103,2	885,9	177,47	901,91
Set./06	-	98,64	101,28	97,00	423,6	267,3	101,7	1 075,4	177,57	901,14
Out./06	-	105,37	101,61	97,46	529,3	254,9	101,0	1 037,0	178,23	901,96
Nov./06	-	103,27	101,87	97,86	427,5	369,0	96,7	1 035,9	179,21	901,57
Dez./06	4,7	93,64	99,93	98,01	431,3	281,8	82,4	934,6	180,07	899,82
Jan./07	-	94,41	105,89	105,89	475,9	305,7	175,3	1 118,2	181,43	903,05
Fev./07	-	94,37	105,52	105,71	352,1	297,7	106,2	883,7	181,42	906,26
Mar./07	-	114,29	107,16	106,25	408,3	224,3	96,3	824,7	184,09	906,95
Abr./07	-	112,37	115,18	108,53	475,0	311,9	101,2	970,4	184,79	908,85
Mai./07	-	118,51	109,31	108,70	468,1	243,9	103,0	970,4	185,23	913,28
Jun./07	-	108,10	106,78	108,37	415,1	323,5	128,0	993,3	187,16	919,60
Jul./07	-	112,43	108,99	108,46	401,5	281,8	120,8	926,8	188,68	942,88
Ago./07	-	113,04	106,48	108,20	513,2	236,3	135,8	1 009,1	188,97	945,05
Set./07	-	100,21	101,59	107,48	434,1	297,5	138,0	1 006,5	189,07	948,23
Out./07	-	115,45	109,56	107,69	466,6	288,9	132,1	1 022,4	189,15	951,56
Nov./07	-	110,37	106,87	107,62	550,4	320,1	130,8	1 147,5	191,29	953,61
Dez./07	7,0	98,53	105,22	107,43	509,5	340,0	121,3	1 135,9	192,81	957,09
Jan./08	-	102,86	108,95	108,95	520,0	336,8	219,4	1 243,3	194,84	957,57
Fev./08	-	105,86	112,17	110,56	511,9	308,3	139,1	1 114,0	194,35	959,14
Mar./08	-	113,20	99,04	106,22	514,4	280,7	117,5	1 054,9	195,65	964,44
Abr./08	-	120,91	107,59	106,59	523,5	368,0	137,1	1 167,1	197,10	967,72
Mai./08	-	114,61	96,70	104,39	492,2	392,1	129,5	1 172,8	200,19	969,38
Jun./08	-	115,69	107,02	104,83	651,0	303,1	156,0	1 322,2	202,95	981,24
Jul./08	-	119,12	105,95	105,00	449,0	431,3	146,8	1 163,7	204,67	1 030,71
Ago./08	-	114,87	101,61	104,56	536,3	340,2	144,4	1 133,6	205,36	1 038,38
Set./08	-	116,12	115,87	105,73	575,8	390,2	154,1	1 278,5	205,98	1 048,99
Out./08	-	117,46	101,73	105,30	547,6	416,4	128,0	1 285,5	206,36	1 055,21
Nov./08	-	-	-	-	538,0	482,3	136,3	1 328,3	208,21	1 058,22
Dez./08	3,8	-	-	-	-	-	-	-	-	1 069,27

(continua)

ECONOMIA DO RS

Variáveis selecionadas — jul./06-dez./08

MESES E ANOS	SALDO DE ADMISSÕES E DESLIGAMENTOS COM CARTEIRA	DESEMPREGO NA RMPA		RENDIMENTOS NA RMPA (2)		CONSUMO DE ENERGIA ELÉTRICA (3) (mwh)		EXPORTAÇÕES VALOR (1 000 US\$ FOB)
		Taxa de Desemprego		Ocupados (8)	Assalariados (9)	Industrial	Total	
		Aberto	Total					
Jul./06	-4 042	10,7	14,9	1 083	1 094	545 934	1 570 358	1 374 201
Ago./06	1 848	10,5	14,6	1 068	1 101	560 316	1 600 276	1 220 625
Set./06	3 554	10,5	14,3	1 091	1 121	529 480	1 540 478	1 072 405
Out./06	12 333	10,5	14,2	1 107	1 131	524 503	1 542 950	1 006 905
Nov./06	17 322	10,0	13,7	1 122	1 132	526 847	1 615 766	1 003 173
Dez./06	-13 467	9,2	12,9	1 113	1 113	531 587	1 732 882	1 044 476
Jan./07	14 920	8,6	12,2	1 080	1 100	443 129	1 807 603	860 445
Fev./07	13 643	8,8	12,3	1 085	1 119	518 242	1 840 251	866 144
Mar./07	8 926	9,4	12,9	1 091	1 126	544 817	1 838 957	1 062 709
Abr./07	15 008	10,1	13,6	1 108	1 137	556 619	1 788 914	971 243
Mai/07	-3 382	10,6	14,1	1 116	1 137	561 775	1 704 116	1 400 416
Jun./07	-1 132	10,8	14,4	1 111	1 137	556 098	1 642 989	1 281 777
Jul./07	-1 690	10,3	13,8	1 110	1 133	542 700	1 617 726	1 673 608
Ago./07	673	10,0	13,4	1 110	1 131	559 421	1 653 837	1 571 858
Set./07	14 986	9,6	12,8	1 107	1 113	534 178	1 612 954	1 280 444
Out./07	20 118	9,5	12,4	1 120	1 130	538 908	1 626 879	1 608 080
Nov./07	20 319	9,2	11,9	1 124	1 130	540 020	1 646 665	1 163 724
Dez./07	-8 065	8,7	11,3	1 150	1 153	527 914	1 737 091	1 277 226
Jan./08	19 029	8,4	11,2	1 115	1 113	467 639	1 914 097	1 155 177
Fev./08	20 080	8,3	11,3	1 088	1 084	553 905	1 949 550	1 196 912
Mar./08	18 474	8,7	11,7	1 071	1 084	556 404	1 905 271	1 156 056
Abr./08	13 578	9,0	12,0	1 100	1 111	591 331	1 852 881	1 398 875
Mai/08	2 296	9,2	12,2	1 131	1 149	588 888	1 747 461	1 718 977
Jun./08	7 990	8,7	11,9	1 153	1 167	579 625	1 722 206	1 682 512
Jul./08	4 522	8,7	11,9	1 155	1 173	599 694	1 738 101	1 866 525
Ago./08	4 814	8,3	11,3	1 165	1 170	598 172	1 738 262	1 733 246
Set./08	10 540	8,3	11,2	1 169	1 173	570 888	1 684 761	2 556 164
Out./08	8 873	7,9	10,6	1 170	1 170	-	-	1 662 121
Nov./08	-	7,7	10,2	-	-	-	-	1 120 931
Dez./08	-	-	-	-	-	-	-	-

FONTE: FEE. IBGE. MICT. PED-RMPA. Secretaria da Fazenda-RS. IEPE. SINDUSCON. Ministério do Trabalho e Emprego.

(1) Refere-se à taxa anual. (2) Inflator utilizado: IPC-IEPE; valores em reais de out./08. (3) Refere-se à soma do consumo de energia elétrica divulgado pelas três principais operadoras do Estado (RGE, AES-SUL e CEEE). (4) Base: média de 2002 = 100. (5) Base: igual mês do ano anterior = 100. (6) Base: igual período do ano anterior = 100. (7) Base: abr./98 = 100. (8) Exclusive os assalariados e os empregados domésticos assalariados que não tiveram remuneração no mês, os trabalhadores familiares sem remuneração salarial e os trabalhadores que ganham exclusivamente em espécie ou benefício. (9) Exclusive os assalariados que não tiveram remuneração no mês e os empregados domésticos.

Produção e emprego: os primeiros sinais da crise

O impacto da crise internacional sobre a indústria brasileira já se tornou perceptível no mês de outubro, tanto no âmbito da produção quanto no do mercado de trabalho. A produção física da indústria (IBGE), descontados os efeitos sazonais, recuou 1,7% em outubro frente ao mês anterior, uma retração generalizada que atingiu todas as quatro categorias de uso — bens duráveis (-4,7%), bens semiduráveis e não duráveis (-2,2%), bens intermediários (-3,0%) e, em menor escala, bens de capital (-0,5%). O RS alcançou o segundo pior desempenho entre os estados pesquisados — -5,5%.

A geração de empregos com carteira assinada (saldo da relação entre admissões e desligamentos), que vinha crescendo a taxas vigorosas em setores que estavam dinamizados por conta do crédito abundante, experimentou uma forte desaceleração em outubro frente a setembro, com um crescimento de apenas 0,2% no Brasil (CAGED/

/MTE), enquanto a indústria de transformação exibiu o pior resultado para o mês de outubro nos últimos 10 anos (adição de 8.730 empregos ou 0,1% em relação a setembro), com quatro segmentos relevantes apresentando taxas negativas. No RS, o nível do emprego celetista cresceu um pouco acima (0,4%), todavia a indústria de transformação suprimiu 1.169 postos (-0,2% frente a setembro), em decorrência, principalmente, dos cortes nas indústrias de calçados (-1,5%), borracha, fumo e couros (-0,8%) e mecânica (-0,8%).

Os dados sobre o emprego são um sinal de alerta para a crise, pois os rebatimentos no mercado de trabalho não costumam ser imediatos, como está acontecendo agora. Até esse momento, os indicadores são de desaceleração da economia, mas a ameaça de uma recessão técnica (dois trimestres consecutivos de crescimento econômico negativo) paira no ar.

Emprego formal na indústria de transformação, por subsectores de atividade econômica selecionados, no Brasil e no Rio Grande do Sul — set.-out./08

DISCRIMINAÇÃO	BRASIL		RIO GRANDE DO SUL	
	Saldo (admitidos-desligados)	Variação %	Saldo (admitidos-desligados)	Variação %
Total	61 401	0,20	8 873	0,43
Indústria de transformação	8 730	0,12	-1 169	-0,17
Indústria metalúrgica	1 670	0,22	-119	-0,16
Indústria do material de transporte	-1 475	-0,28	103	0,22
Indústria da borracha, fumo, couros, peles, similares, indústrias diversas	-1 735	-0,52	-380	-0,79
Indústria têxtil do vestuário e artefatos de tecidos	3 805	0,39	-126	-0,36
Indústria de calçados	-3 186	-0,94	-1 952	-1,54
Indústria de produtos alimentícios, bebidas e álcool etílico	5 652	0,30	1 686	1,32

FONTE: CAGED/MTE.

Maria Isabel H. da Jornada (FEE/CEES)

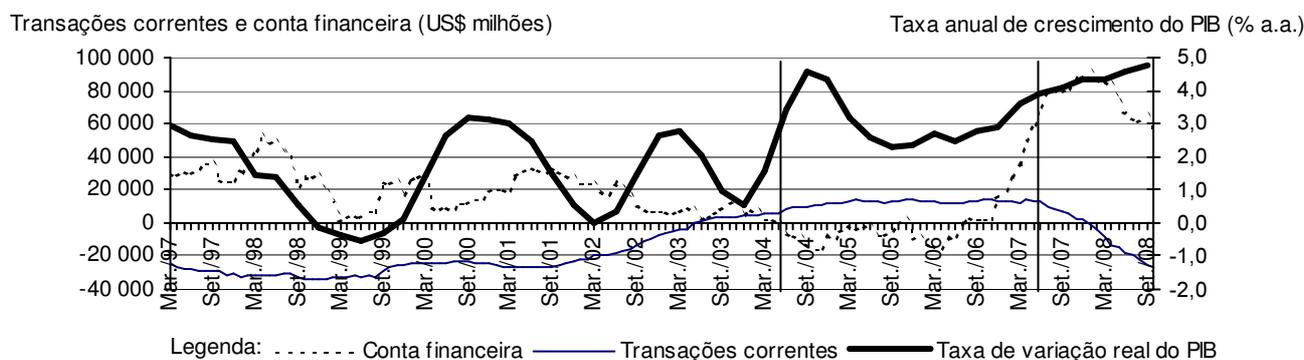
Juno ou a nuvem?

A partir de 1999, prepondera no País uma específica política econômica de curto prazo, implementada a partir de seu Banco Central. De corte liberal, a mesma se caracteriza por grande rigor fiscal e monetário e por decidida permissividade frente aos movimentos da taxa de câmbio e do fluxo de capitais externos. Com tal política, almeja-se a estabilização dos preços internos em níveis compatíveis com metas previamente estabelecidas. Nesse contexto, tudo o mais que não a inflação deve submeter-se ao ajuste providencial realizado pelos mercados, inclusive o crescimento econômico. Entre o início de 2004 e meados de 2007, a inflação, a atividade produtiva, as finanças públicas, os saldos com o exterior, a cotação do real, todos, apresentaram melhoras significativas, segundo os padrões dos formuladores da política aludida. O sucesso foi efusivo e fartamente proclamado: finalmente, haviam-se conquistado os fundamentos necessários à estabilidade de preços e ao crescimento econômico duradouros.

Triste ilusão! Sabe-se, hoje, que a boa fase da economia brasileira resultou, sobretudo, da rápida expansão econômica internacional iniciada em 2004, a qual redundou na aceleração dos fluxos de comércio e de capital e na elevação dos preços das *commodities* no âmbito internacional. De tudo isso valeu-se o País para acelerar sua economia, mantendo sob controle os preços. Foi a expansão internacional que viabilizou a aceleração da economia brasileira. Mirando a nuvem, imaginou-se que se tratava de Juno.

As graves dificuldades resultantes da crise internacional iniciada na metade de 2007 que estão por advir para a economia brasileira podem ser exemplificadas com a tendência de redução de reservas que reverterá do movimento em curso das transações correntes e de capital descritas no gráfico.

Evolução do PIB e das contas externas do Brasil no acumulado de 12 meses — mar./97-set./08



Legenda: Conta financeira — Transações correntes — Taxa de variação real do PIB

FONTE: Bacen.
IBGE.

Pedro Almeida (FEE/CEES)

As exportações gaúchas em 2008

Em termos nominais, foi muito bom o desempenho das exportações gaúchas em 2008, uma vez que os US\$ 17,2 bilhões obtidos entre janeiro e novembro significaram um crescimento de 26% em relação ao mesmo período do ano anterior. Deve-se ressaltar, no entanto, que esse resultado não se traduz, necessariamente, em ganhos expressivos para os exportadores, porque, na maior parte do ano, o real se manteve valorizado, e, além disso, os custos de produção para certos segmentos produtivos subiram de maneira acelerada. A seguir, comenta-se sucintamente o comportamento dos quatro principais grupos de produtos da pauta exportadora gaúcha.

Os produtores de soja e seus derivados aproveitaram-se de um excelente cenário externo, onde os preços desses produtos cresceram vertiginosamente até o início de julho. Isto por diversos motivos, dentre eles, a crescente demanda em países emergentes, a concorrência da produção de biocombustíveis e a especulação financeira na Bolsa de Chicago, onde os aplicadores investiram maciçamente na falta de melhores rendimentos em outros ativos. Mesmo após a reversão dessa tendência, quando a crise financeira passou a contaminar a economia real, os preços das *commodities*, apesar da queda expressiva, de modo geral ainda se mantiveram em patamares superiores a seus valores históricos. Observe-se que foram os preços que puxaram o valor das exportações do complexo soja, uma vez que, devido a uma safra menor em relação à do ano anterior, o volume comercializado decresceu 23%.

A comercialização de carnes no exterior também apresentou uma *performance* muito expressiva. Foram exportados em torno de US\$

2,4 bilhões, sendo cerca de 60% desse total de carne de frango e 30% de carne suína. Os bons preços e o crescimento da demanda internacional viabilizaram tanto o aumento do volume exportado quanto o do preço médio, com este último colaborando de forma mais incisiva para a evolução do valor.

O Rio Grande do Sul manteve, em 2008, sua tradição de grande exportador de fumo. Do Estado, saíram 70% das exportações nacionais do produto, sendo que o Brasil é atualmente o segundo maior produtor e o maior exportador mundial de tabaco. Graças aos baixos estoques mundiais e à qualidade do fumo aqui produzido, o valor das exportações cresceu quase 22%, apesar do pequeno decréscimo no volume comercializado.

Quanto aos calçados, observa-se a continuidade da perda de mercado pelo produto gaúcho. A elevação do preço médio, graças à capacidade das indústrias de desenvolverem sapatos de marca, *design* e estilos próprios, tem sido insuficiente para compensar a redução nas quantidades embarcadas. Percebe-se, também em 2008, a seqüência na perda do mercado norte-americano, substituído, apenas em parte, pelo crescimento das vendas para a União Européia.

Será muito difícil o Rio Grande do Sul repetir em 2009 o desempenho de 2008, devido à crise econômica internacional, que já está-se expressando sob a forma de retração da demanda mundial e de falta de recursos para financiar o comércio exterior.

Principais exportações do RS — jan.-nov./08

PRODUTOS	VALOR EM 2008 (US\$ milhões)	$\Delta\%$ DO VALOR $\frac{2008}{2007}$	$\Delta\%$ DO VOLUME $\frac{2008}{2007}$	$\Delta\%$ DO PREÇO MÉDIO $\frac{2008}{2007}$	PRINCIPAIS DESTINOS
A. Complexo soja (1)	2 883	22,0	-23,1	58,6	China (46%), UE (23%), Coreia do Sul (5%)
B. Carnes (2)	2 414	37,8	6,5	29,4	Rússia (28%), UE (14%), Arábia Saudita (9%)
C. Fumo	1 908	21,8	-1,3	23,4	UE (35%), China (19%), EUA (12%)
D. Calçados	1 112	-5,8	-20,4	18,3	UE (45%), EUA (28%), Argentina (5%)
Subtotal (A + B + C + D) ..	8 317	29,6	-18,7	49,0	
TOTAL	17 247	25,5	-11,1	41,3	UE (19%), EUA (13%), China (11%)

FONTE: MDIC/Secex/Aliceweb.

(1) Grão, farelo e óleo. (2) *In natura* e industrializada.

Álvaro Garcia (FEE/CEES)

CARTA DE CONJUNTURA FEE (elaborada com informações até 23.12.08).

ISSN 1517-7264

A *Carta de Conjuntura FEE* é uma publicação mensal de responsabilidade dos editorialistas. As opiniões não exprimem um posicionamento oficial da FEE ou da Secretaria do Planejamento e Gestão.

Tiragem: 250 exemplares.



**Fundação de
Economia e
Estatística**

Presidente: Adelar Fochezatto

Diretor Técnico: Octavio Augusto Camargo Conceição

Diretor Administrativo: Nôra Angela Gundlach Kraemer

Conselho Editorial da Carta: Octavio Augusto Camargo Conceição, Adalberto Alves Maia Neto, Roberto da Silva Wiltgen e Sônia Unikowsky Teruchkin.

Núcleo de Dados: Marilene Gauer (coordenação), Ana Maria de Oliveira Feijó e Jussara Lima do Nascimento.

Fundação de Economia e Estatística Siegfried Emanuel Heuser

Rua Duque de Caxias, 1691 - Porto Alegre

CEP 90010-283

E-mail: conjuntura@fee.tche.br

www.fee.rs.gov.br

Editoração

Supervisão: Valesca Casa Nova Nonnig. Secretária: Vera Lúcia Pires Dalberto. Expedição: Lisete Maria Giroto.

Revisão

Coordenação: Roselane Vial. Revisores: Sidonia Therezinha Hahn Calvete e Susana Kerschner.

Editoria

Coordenação: Cirei Pereira da Silveira. Composição, diagramação e arte final: Denize Maria Maciel, Ieda Terezinha Koch Leal, Jose Antonio da Silva e Rejane Maria Bondanza Lopes. Conferência: Lourdes Teresinha dos Santos, Rejane de Barcellos Schmitt e Vera Sonia da Silva Castro. Impressão: Cassiano Osvaldo Machado Vargas e Luiz Carlos da Silva.